

(ANC)

CRISE

# SARNEY: A CRISE

Na última entrevista em Nova York, o presidente disse ser difícil governar sob duas

## É POLÍTICA.

ordens constitucionais, a em vigor e a da Constituinte.

Quinta-feira, 9-6-88

Em entrevista coletiva concedida ontem aos jornalistas brasileiros que acompanharam sua visita a Nova York, o presidente José Sarney disse que a crise brasileira é política e não econômica. Para ele, é muito difícil governar com duas ordens constitucionais, a que está em vigor e aquela que está sendo preparada pelos constituintes.

Ao ser questionado sobre um computador e um toca-disco laser que foram flagrados quando eram entregues a um apartamento de sua comitiva, o presidente José Sarney, bastante irritado, mandou que se passasse para outra pergunta.

Pouco depois, na mesma entrevista coletiva, o presidente diria que "nenhuma denúncia de qualquer irregularidade chegou ao meu governo, ao meu conhecimento, sem que eu tivesse determinado a abertura de inquérito e tivesse mandado tomar providências".

A pergunta sobre um eventual contrabando oficial de aparelhos eletrônicos por membros de sua comitiva só não chegou a ser respondida, como explicou o assessor de imprensa do presidente Sarney, mais tarde, porque "era pequena demais, e levemente formulada".

### Muamba

Dona Marly, no 14º andar do hotel, preparando as malas em sua suíte, repetiu a pergunta para um funcionário do Itamaraty. E ele respondeu que "não fomos nós", os diplomatas, "mas, talvez, os parlamentares". No saguão do hotel, o porta-voz Carlos Henrique explicava aos repórteres que acabava de fazer uma investigação e que concluiu que "o único computador posto à disposição do escritório de apoio da delegação é de uso da missão permanente do Brasil junto à ONU e já foi devolvido".

Numa nota oficial, a Secretaria de Imprensa da Presidência da República ainda diz: "Nenhum dos membros da delegação adquiriu computadores durante sua permanência em Nova York".

Pelo menos um computador **Toshiba 1200** e um toca discos laser foram entregues no apartamento 1.426, usado como espaço para apoio da comitiva presidencial. Tinham sido comprados na loja **City Service**, dos brasileiros Elton e Regina, especializados em aparelhos eletrônicos.

"Você é da comitiva?" — quis saber o entregador brasileiro da **City** quando a **Agência Estado** lhe perguntou, no saguão do Hotel, se seria fácil entrar com um **Toshiba 1200** no Brasil. "Se for, não tem problema". Regina, a sócia, não quis mostrar nenhuma das notas fiscais das compras entregues no Hotel Intercontinental.

Quando o desmentido oficial já estava circulando, um caminhão placas **KM99SM**, estacionado na rua 49, recebia algumas caixas fechadas, as quais pareciam ser de computadores, com a marca **Wang**. Havia claramente um pacote com um teclado. Um agente de segurança quis saber, do repórter da **Agência Estado**, o que ele queria ali, olhando o caminhão ser carregado. Estava muito mal encarado, desafiador.

O porta-voz Carlos Henrique foi levado até o caminhão, viu o teclado e uma outra caixa, fechada, nova, e reagiu: "O computador que tínhamos aqui já devolvemos".

Houve um momento, ontem, em que fotografos e câmeras correram atrás de um homem que empurrava um carrinho com caixas de computadores fechadas pelo saguão do hotel. Depois da entrevista coletiva, a preocupação maior era com vestígios da "muamba", muito mais do que com o próprio presidente Sarney, que pôde sair tranquilamente por uma porta lateral, para almoço, sem ser incomodado.

### Armas

Uma outra pergunta que rendeu uma resposta polêmica na entrevista coletiva do presidente Sarney, na manhã de ontem, foi sobre uma aparente contradição entre o motivo de sua viagem, o desarmamento, e a tendência brasileira de exportar armas.

O presidente Sarney respondeu que "se esses números fossem verdadeiros, se nós exportássemos um bilhão de dólares de armas, já seria uma exportação extremamente modesta diante do orçamento mundial, seria um percentual abaixo de 1%".

É uma coisa falsa dizer que o Brasil é um grande exportador de armas. Nós não dominamos nenhuma tecnologia sensível de armas. E, por outro lado, nós não vendemos armas de nenhuma maneira a nenhum país que esteja em conflito. Nós só vendemos armas, que não são sofisticadas, para a defesa. E essa é a posição do Brasil. Em grande parte os nossos concorrentes tentam vender essa imagem mundial do Brasil como grande exportador de armas".

Mas, e as armas e carros de combate brasileiros para o Iraque, vistos no *front* da guerra com o Irã? Assessores do presidente explicariam que os acordos com o Iraque, antigos, estão apenas sendo cumpridos, e que não seriam renovados.

Respondendo a uma outra pergunta, sobre o que se pode fazer para atrair de volta técnicos brasileiros vivendo no Exterior, o presidente Sarney lembrou a volta de 600 técnicos da Embrapa que "hoje operam uma grande companhia de pesquisas agrícolas que foi capaz de fazer com que o país saísse do patamar de 55 milhões de grãos por safra".

Será o presidente um administrador da própria sucessão? — perguntou-lhe um repórter. "Olha, eu confesso que, embora os videntes estejam em moda, não tenho nenhuma condição de vislumbrar a sucessão, as pessoas que vão concorrer à sucessão presidencial."

Coube ao **JT**, sorteado, perguntar ao presidente Sarney por que ele não se envolve diretamente nas negociações, como estão se envolvendo, nestes últimos dias, os presidentes do México e da Argentina, querendo uma redução pela metade do serviço de suas dívidas.

### Dúvida

O presidente respondeu que o Brasil é que antou a tese de que a dívida tem dois patamares: um político e outro financeiro. E concluiu sendo que o acordo que está sendo fechado em Nova York, nos próximos dias, "é o melhor acordo que nós já fizemos".

A imagem do Brasil no Exterior, a de um país desgovernado e corrupto, como um repórter disse, numa pergunta, tem uma explicação: "A imprensa estrangeira reflete muito o que a imprensa brasileira publica". O presidente Sarney citou Jefferson: "É melhor que tenhamos uma imprensa que seja injusta a não termos nenhuma imprensa".

— O senhor voltou a falar num pacto nacional de apoio ao seu governo. Esse pacto seria formalizado através de uma coligação ou de uma aliança?

"Um pacto nunca pode ser unânime, mas deve ter uma unidade básica de consenso, capaz de fazê-lo funcionar. Esse seria o desejo em benefício do País. Não acredito que, neste instante, nós tenhamos mais sucesso para encontrar essa solução do que no princípio do governo, quando nós tentamos. Mas um pacto dessa natureza se faz sem exclusão de ninguém. Todos aqueles que quiserem participar fortalecerão este pacto."

O presidente Sarney não fará nenhuma reforma ministerial "espetacular", nem acha que será ela que resolverá o problema. Para ele, é normal substituir "um administrador que não estiver dando certo".

Saindo da entrevista coletiva, encerrada ainda sob o impacto do mal-estar criado pela questão da compra de computadores, o presidente Sarney foi para as Nações Unidas, onde manteve rápidos encontros com os presidentes do Afeganistão, de Chipre e do México, Miguel de La Madrid, o único com quem discutiu assuntos bilaterais.

O próprio presidente Sarney não pôde fazer compras, por falta de tempo. Um assessor contou que ele queria ir até a Rua 59, esquina de Park Avenue, para comprar óculos. E também passar por alguma livraria. Sem agenda, dona Marly pôde comprar o que queria: uma pinça para sobrancelhas. Teria também levado bichinhos e bonequinhos de pelúcia para o Brasil.

**Moisés Rabinovici,  
de Nova York.**